

## **INTERFACES DA LUSOFONIA: LUSÓFONOS EM REDE NO FACEBOOK**

**Inês Amaral**

[inesamaral@gmail.com](mailto:inesamaral@gmail.com)

Professora Auxiliar na Universidade Autónoma de Lisboa (Portugal), Coordenadora Científica da Licenciatura em Ciências da Comunicação e do Mestrado em Comunicação Aplicada. Docente do Instituto Superior Miguel Torga, vice-presidente do Conselho Científico e Coordenadora Científica da Licenciatura em Multimédia e da Pós-Graduação em Audiovisuais e Multimédia. Doutorada em Ciências da Comunicação. Ensina na área da Comunicação Digital e tem desenvolvido investigação sobre sociabilidades nas redes sociais digitais, literacia digital, tecnologias e envelhecimento ativo, consumos mediáticos na era digital. Participado em projetos internacionais de investigação como EMEDUS e em diversas ações do COST. É membro da IAMCR, ECREA, INSNA e SOPCOM e co-fundadora da Associação Portuguesa de Formação e Ensino à Distância.

**Silvino Lopes Évora**

[silvevora@hotmail.com](mailto:silvevora@hotmail.com)

Professor Auxiliar na Universidade de Cabo Verde (Cabo Verde), coordenador da Licenciatura em Jornalismo. Doutorado em Ciências da Comunicação, vertente Sociologia da Comunicação e da Informação com a menção de Doutoramento Europeu. Presidente da Associação Cabo-Verdiana de Ciências da Comunicação. Investiga sobre concentração dos media, liberdade de imprensa, lusofonia e políticas da comunicação. Ganhou o *Grande Prémio Cidade Velha* com a tese de doutoramento (Ministério da Cultura de Cabo Verde) e o Prémio Orlando Pantera com um Ensaio Sobre a Liberdade na África Ocidental. Aprovado no Concurso do Gabinete para a Comunicação Social para publicação da tese de Mestrado e no concurso da WAF Editora para publicar um livro de poemas. Bolseiro de Doutoramento (Fundação para a Ciência e a Tecnologia), de Mestrado (Fundação Calouste Gulbenkian) e de Licenciatura (Governo de Cabo Verde).

### **Resumo**

O presente artigo assume o novo cenário digital, postulado na teoria da sociedade em rede defendida por Castells (2000), enquanto quadro contextual. Assumindo que o virtual existe e produz efeitos (Lévy, 2001), consideramos que assistimos a uma alteração de paradigma sócio comunicacional. Se do ponto de vista da Comunicação estamos perante a individualização, é evidente a mudança de paradigma social. A nova perspetiva incutida pelas ferramentas digitais é a sociabilização e a maximização do coletivo. Neste artigo, partimos do pressuposto de que os laços relacionais nas redes sociais assimétricas (que não implicam reciprocidade entre os nós) que se efetivam em plataformas de sociais media é o conteúdo. Neste sentido, e assumindo uma perspetiva multidisciplinar, consideramos que a apropriação da técnica evidencia um mapeamento de estruturas que são mediadas tecnicamente e interações potenciadas pela tecnologia. Apresentamos um estudo empírico que se baseia numa triangulação metodológica, cruzando análise documental com netnografia. Analisando grupos e páginas do Facebook como suportes onde a comunicação é recontextualizada pela distribuição de forma desagregada e por diferentes tipos de interações, objetivamos categorizar e compreender as representações sociais da Lusofonia. O objetivo central deste trabalho é analisar se o Facebook, enquanto espaço de interações digitalmente mediadas e a partilha desagregada de conteúdo, podem induzir uma reconstrução das redes de significância e representações sociais da Lusofonia, potenciando a criação de um grupo social único, ou pelo menos de um agrupamento dotado de alguma homogeneidade.

### **Palavras-chave**

Lusofonia; ciberespaço; redes sociais; representações sociais; interação social

### **Como citar este artigo**

Amaral, Inês; Évora, Silvino (2016). "Interfaces da lusofonia: Lusófonos em rede no Facebook". *JANUS.NET e-journal of International Relations*, Vol. 7, N.º 2, Novembro 2016-Abril 2017. Consultado [online] em data da última consulta, [observare.autonoma.pt/janus.net/pt\\_vol7\\_n2\\_art7](http://observare.autonoma.pt/janus.net/pt_vol7_n2_art7) (<http://hdl.handle.net/11144/2786>)

**Artigo recebido em 18 de Dezembro de 2015 e aceite para publicação em 15 de Junho de 2016**





## INTERFACES DA LUSOFONIA: LUSÓFONOS EM REDE NO FACEBOOK

**Inês Amaral**  
**Silvino Lopes Évora**

### **Para uma introdução: narrativas da Lusofonia e identidades**

Entendendo a Lusofonia como um espaço fragmentado repleto de múltiplas significações, torna-se evidente que os seus discursos, práticas e relações sociais circulam em diferentes lógicas conceptuais. Neste sentido, interpretamos o espaço lusófono como sendo construído por sistemas de construção social partilhada e por elementos de comunicação que potenciam redes de significação dentro de uma subjetividade muito própria, dependente de uma multiplicidade cultura de significados. Ainda que tanto os discursos políticos como os mediáticos ocultem as assimetrias e apresentem perspectivas homogeneizadoras do espaço lusófono como um único.

Como escreveu Eduardo Lourenço,

*"A lusofonia não é nenhum reino, mesmo encartadamente folclórico. É só - e não é pouco, nem simples - aquela esfera de comunicação e compreensão determinada pelo uso da língua portuguesa com a genealogia que a distingue entre outras línguas românicas e a memória cultural que, consciente ou inconscientemente, a ela se vincula" (1999: 81).*

O ensaísta sublinha ainda que

*"se todos vieram à capital do nosso Norte convocados pela lusofonia, é porque esta senhora deve ter outros mistérios e outros encantos ou perplexidades, além dos científicos. Ou que nós lhos atribuímos para que, de objecto de mera curiosidade histórico-linguística ou até histórico-cultural, se tenha transformado em tema onde investimos paixão e interesses que têm a ver não só com aquilo que somos como língua e cultura no passado, mas com o presente e o destino desse continente imaterial que é, ou queremos que mais nitidamente o venha a ser, o mundo da lusofonia. Todavia, nem aqui, nem em parte alguma, devemos fazer de conta, nós, portugueses, que o conteúdo e, sobretudo, o eco deste conceito de*



*aparência tão inocente arrastem consigo as mesmas imagens, o mesmo cortejo de fantasmas, os mesmos subentendidos ou mal-entendidos, nos diversos espaços que atribuímos, sem uma onça de perplexidade, à ideal e idealizada esfera lusófona” (1999: 81).*

Martins defende que

*“aquilo que se joga nesta luta simbólica entre globalização cosmopolita e globalização multiculturalista é o poder de definir a realidade, assim como também o poder de impor, internacionalmente, essa definição, quero dizer, essa di/visão. Neste entendimento, a figura de lusofonia não é uma coisa diferente da realidade social das distintas comunidades nacionais onde se processa esse combate simbólico. E é pelo facto de as representações sociais da realidade não serem estranhas à própria realidade social dos países que as formulam, que, a meu ver, devem ser reavaliadas as formulações que tendem a negar à figura de lusofonia não apenas a eficácia simbólica, como também toda a eficácia política” (2004: 8).*

A multiplicidade de narrativas e representações sociais, enquanto decorrentes do processo de socialização e diretamente associadas à identidade coletiva (Daniel, Antunes e Amaral, 2015), fragmentadas que ocupam o imaginário da Lusofonia (num sentido ainda por apurar, e com uma intensidade ainda por estabelecer) decorrem de uma memória social e cultural que emerge de uma construção simbólica partilhada, enquadrada e interpretada de forma heterogénea por diferentes gerações. Para uma análise do ciberespaço enquanto interface lusófono torna-se imperativo analisar se o discurso digital pode metamorfosear as representações sociais da Lusofonia (quando as há, um ponto importante visto uma enorme percentagem dos lusófonos não têm sequer consciência dessa identidade coletiva da sua representação), o que pode potenciar a criação de novas identidades e relações sociais indutoras de mudança. A expressão “interface”, neste trabalho, reporta-se ao ponto de intersecção que as Comunicações Mediadas por Computador (CMC) potenciam no ambiente digital, permitindo a interação e a comunicação num estado quase contínuo, sem barreiras geográficas ou temporais.

A dinâmica da contemporaneidade, a mobilidade e a mutação são processos que constroem a questão da cidadania, em micro e macro escalas, num discurso em que o “eu” e o “outro” são um *continuum* em alternância. O pressuposto de que a interação entre lusófonos, no ambiente digital, decorre de uma construção social partilhada implica também reequacionar o papel do ciberespaço na (re)construção da identidade lusófona, como referem Macedo, Martins e Macedo (2010). Os autores sublinham que a Sociedade da Informação

*“parece convocar o ciberespaço enquanto um novo lugar da lusofonia, no qual se estabelecem redes virtuais de comunicação*



*entre cidadãos que pensam, sentem e falam em português” (2010: 14).*

A narrativa da Lusofonia na contemporaneidade é descrita por Patrisia Ciancio, numa dissertação de mestrado sobre a Lusofonia Digital, como estando na “coexistência de dois tempos:

- (1) o anacronismo separatista de um passado colonial que coloca todos os países e as regiões tocadas pelos Descobrimentos sob o mesmo teto da história, mas os divide seu presente existencial;
- (2) na pós-modernidade da urgência de sua inserção em uma conjuntura global de informação, o que, se bem desenvolvida (ou desenvolvida para o bem), pode contribuir no âmbito da educação e democratização dos meios” (2008: 34).

O conceito de identidade é crucial para compreender os processos relacionais dentro do quadro controverso do conceito “Lusofonia”. Maria Paula Menezes sublinha que

*“as identidades – enquanto processos relacionais – raramente são recíprocas. Nunca sendo piras, as identidades são, porém, únicas, garantindo a afirmação da diferença. O acto de identificar produz a diferença, construída enquanto relação de poder (Santos, 2001)” (2008: 78, 79).*

Também a questão dos referenciais da Lusofonia, como espelho da “imperialização portuguesa” (Menezes, 2008), e a formatação do pensamento têm sido elementos questionáveis na produção da contemporaneidade lusófona em ambiente digital, no seu mais amplo contexto: o diálogo intercultural.

O discurso oficial da Lusofonia remete para conceitos de memória alavancados no colonialismo e num imaginário em torno do império. No entanto, numa era pós-colonial, as identidades constroem-se com base na geografia e nas questões geracionais, ampliando “identidades hifenizadas” (Khan, 2008) porquanto

*“não podem ser representadas como um fenómeno estável, fixo, pois pensar em balizas cronológicas entre o colonial e o pós-colonial conduz-nos a moradas epistemológicas erróneas, induzindo-nos no erro de pensar que, historicamente, o colonial como um episódio é já pretérito” (2008: 97).*

Como consequência da pós-modernidade que se exprime na atual realidade social e enquanto expoente da globalização, a Internet implica uma reconfiguração do conceito de território, que surge como fruto da construção de sistemas de representação partilhados e dinâmicas sociais. O que lhe dá sentido/identidade são os elementos simbólicos adoptados por cada grupo. Os espaços digitais são imateriais e concretizam-



se em lugares e não-lugares (Augé, 2010), onde coexistem redes de redes e redes de comunidades.

A Internet tem vindo a assumir-se como uma ruptura com o passado, potenciando passados reinventados e presentes emergentes. Estaremos perante a emergência de espaços abstractos digitais, que possibilitam representações da memória e do presente numa reconfiguração das relações de poder e da sua materialização em pontos de intersecção digital? A rede pode assumir-se como um possível cenário de renovação e reforço de laços na Lusofonia? E, nela, o Facebook, que agora substituiu o Orkut como a rede social mais importante no maior dos Estados lusófonos, o Brasil?

### **Geografias da Sociedade da Informação**

A introdução da tecnologia na vida pública e privada das sociedades promoveu uma alteração dos comportamentos. Efetivamente,

*"as tecnologias de e em rede são atualmente parte integrante da vida diária de milhões de pessoas e fomentam a inteligência colectiva (Lévy, 2001, 2004; Jenkins, 2006). Há uma revolução social online em curso, no que concerne à utilização e apropriação da tecnologia. As pessoas estão a alterar os seus comportamentos: trabalham, vivem e pensam em rede"* (Amaral, 2014).

No entanto, é imperativo sublinhar que a introdução da tecnologia e, em particular, da Internet na vida privada e pública das sociedades também se opera numa lógica de dimensões socioeconómicas o que, inevitavelmente, nos remete para contextos geográficos específicos.

As sociedades info-incluídas e info-excluídas têm de ser referenciadas no contexto da territorialização dos espaços sócio-tecnológicos. Estes territórios têm dinâmicas próprias que dependem de várias variáveis e originam diferentes potenciais de disseminação de informação e comunicação através das tecnologias em rede. Os acessos à Internet podem contextualizar a geografia das sociedades info-incluídas e info-excluídas.

De acordo com estatísticas apresentadas pelo site Internet Live Stats<sup>1</sup>, estima-se que 46.1% da população mundial tem acesso à Internet, sendo que se contabilizam 4 biliões de não utilizadores. A projecção de crescimento nos últimos quinze anos, segundo o site *Internet Usage Statistics*<sup>2</sup>, é de 826.9%. As estatísticas revelam ainda exclusões digitais geográficas, sendo que a Europa, Austrália e América do Norte têm as maiores taxas de acesso à rede e o continente africano não ultrapassa os 28%. Refira-se ainda a questão da América Latina e do Médio Oriente que, de acordo com as estatísticas de 2015, têm uma taxa de penetração que ultrapassa os 50%.

<sup>1</sup> Site do projeto Real Time Statistics Project que disponibiliza estatísticas de acesso à Internet. Disponível no endereço electrónico <http://www.internetlivestats.com/> (Consultado em abril de 2016).

<sup>2</sup> Site que disponibiliza estatísticas de acesso à Internet baseadas em dados de provedores locais, International Telecommunications Union, GfK e consultora Nielsen Online. Disponível no endereço electrónico <http://www.internetworldstats.com> (Consultado em dezembro de 2015).



Castells (1996) remete-nos para a Internet enquanto um espaço de espaços e, neste sentido, o local e o privado tal como o local e o global habitam em conjunto. Daqui decorre que a questão territorial digital se define por factores que a perspectivam numa dimensão global. Os fluxos de informação que habitam na rede traduzem um conjunto de nós ligados por diferentes laços que tornam os não-lugares em lugares (Augé, 2010). Neste sentido, os lugares correspondem a utilização social da tecnologia. Em última instância, o acesso à Internet deve ser também equacionado à luz do conceito de literacia digital.

A iliteracia digital reporta-se a um processo que culmina no afastamento de indivíduos dos computadores e da Internet por domínio incompetente do seu *modus operandi*. Exclui-se a telefonia

*"porque embora pertença ao mesmo grupo de produtos de IC (Informática e Comunicação), até por partilhar a mesma infraestrutura, sob uma perspetiva sociológica o telefone possui características bem diferentes dos demais: é parte da família de produtos «inclusivos para analfabetos» que podem ser utilizados por pessoas tecnicamente sem nenhuma escolaridade" (Sorg & Guedes, 2005: 102).*

Como sublinha Gomes (2003), Castells defende que a iliteracia é a "nova pobreza" da contemporaneidade, assumindo-se como um novo tipo de "analfabetismo funcional" que traduz a ausência de competências para existir e co-existir num contexto de uma sociedade global da informação. Neste sentido, compreende-se que a exclusão digital tem um nível macro e múltiplos níveis micro, que decorrem de diferentes condicionantes. As dimensões da exclusão social – assumindo-se que estas não são sinónimo de pobreza – podem, então, aplicar-se à iliteracia digital sendo, assim, multidimensionais, dinâmica, relacional, activa e contextual. Nesta perspectiva, e no contexto da iliteracia digital, "grupos desfavorecidos" podem ser definidos no quadro do gradiente de uma amplitude multidimensional, que compreenda os indicadores de ausência de direitos sociais e os níveis micro da exclusão social, e delimite os grupos afastados da sociedade da informação digital por estes motivos. Mayer (2003) refere que um grupo desfavorecido pode ser definido através de uma simples expressão: "denied access to the tools needed for self-sufficiency". Um grupo desfavorecido será, então, aquele se descreve como assumindo um padrão de falta de acesso a recursos imposto por diferentes barreiras. Assumindo a rede como a característica central em termos organizacionais nas sociedades informacionais, o modelo comunicacional que se tem afirmado reduz a uma condição de *subcidadania* os cidadãos que são digitalmente excluídos.

### **Retratos da info-exclusão e info-inclusão nos países lusófonos**

Traçar um perfil da info-exclusão e da info-inclusão nos oito países da CPLP não é uma tarefa objectiva. A leitura dos números do acesso à Internet nos países lusófonos carece, necessariamente, de um enquadramento mais amplo que contextualize a diferença entre quatro esferas geográficas de desenvolvimento económico e tecnológico (e, consequentemente, social e cultural) distintas: a). Portugal; b). Brasil; c). PALOP; d)





Timor-Leste. Dentro da esfera macro dos PALOP (ou "Os Cinco", como se auto-denominam), há a equacionar diferenças significativas entre os países e, ainda, dentro dos próprios países.

A própria formação de identidades em contextos históricos, sociais, políticos, culturais e económicos distintos suscita ciclo permanente de exclusão e inclusão que nada têm a ver com a tecnologia. Martins afirma que

*"como expressão simbólica, mitológica, a lusofonia constitui uma particular categoria de palavras. Integra o vasto conjunto de palavras com as quais encenamos a relação entre o mesmo e o outro, entre nós e os outros. Usamo-las para exprimir pertenças e identidades, e mesmo para delimitar territórios" (2004: 5).*

Tabela 1: Estatísticas de acesso à Internet em 2015 nos países lusófonos

<b>País</b>	<b>Utilizadores com acesso à Internet</b>	<b>Taxa de Penetração (% da População)</b>
Angola	5,102,592	26%
Brasil	117,653,652	57.6 %
Cabo Verde	219,817	40.3%
Guiné Bissau	70,000	4.1%
Mozambique	1,503,005	5.9%
Portugal	7,015,519	64.9%
São Tomé e Príncipe	48,806	25.2%
Timor-Leste	290,000	23.6%

Fonte: Internet Usage Statistics

No continente africano, o espaço lusófono não é senão um universo de partilha de conhecimento, informação e afectos, numa dimensão multilingue. Na atmosfera das produções em ambiente online, o processamento acontece da mesma forma. É notório que as novas tecnologias de informação e comunicação vieram dar um contributo enorme na aproximação dos povos lusófonos em África, a avaliar sobretudo pela dispersão dos territórios que compõem o continente. As variações culturais em África são consideráveis, de região para região, e a densidade económica desses países saídos do processo de descolonização na primeira metade dos anos 70 do século XX não é favorável ao trânsito humano nos circuitos geográficos que marcam o universo offline.

As viagens entre os diferentes países luso-africanos não estão ao alcance da maioria das famílias dessa comunidade. Associado a isso, encontramos, no continente, milhares de famílias com dificuldades em formular respostas para as questões básicas que atendem à sobrevivência da pessoa humana, como a alimentação, a água potável, o vestuário, a medicação, a educação, a higiene e a saúde pública, entre outras. Nestes casos, ficam completamente de parte as possibilidades de desenvolvimento de conhecimento mútuo, através de contactos possibilitados pelo trânsito no mundo offline. Neste sentido, a mediação da comunicação de massa pode ter um papel de grande importância. A televisão, pela força da sua imagem e pela capacidade de transportar as realidades distantes para o interior dos lares planetários, poderia ter um papel de grande importância nesta matéria. Porém, há alguns factores que não concorrem para essa dimensão da comunicação televisiva no espaço luso-africano:



- a) desde logo, a grande maioria dos conteúdos produzidos pelas televisões de Angola, Cabo Verde, Guiné-Bissau, São Tomé e Príncipe e Moçambique não chegam aos outros países da lusofonia africana;
- b) essas televisões, sobretudo as públicas – que têm mais responsabilidade na sedimentação dos valores simbólicos dos seus países – estão confinadas aos “lugares comuns” e aos seus “lugares de conforto”, sendo que, muitas delas, não conseguem cobrir a totalidade dos seus territórios nacionais;
- c) há uma fraca aposta nos documentários, que constituiriam elementos de grande valor para ancorar o conhecimento de uma sociedade;
- d) as grandes reportagens não são géneros televisivos muito cultivados nos países lusofrancos. Através da investigação jornalística, as grandes reportagens resgatam muito daquilo que são valores entranhados na vivência de um povo, trazendo elementos fecundos para o conhecimento de uma sociedade;
- e) carecem, nessas televisões, de programas de entretenimento de alto valor cultural, que acabam por trazer mais-valia para a tradição simbólica desses povos.

Tendo em conta a carência dos meios materiais, as dificuldades no trânsito geográfico e o fraco papel dos media tradicionais na constituição de pontes entre as diferentes comunidades lusófonas em África, há um espaço remanescente, potencialmente forte, para o desenvolvimento da comunicação, dos sistemas de informação e para a troca do conhecimento. Aqui, o computador arroga, para si, um papel de relevo.

Macedo, Martins e Macedo (2010) citam Wagner para ilustrar a situação brasileira que

*“tem experimentado inegáveis avanços no acesso da população à Internet, embora os números ainda revelem fortes disparidades, conforme as regiões do país, as classes sociais e o nível de escolaridade das pessoas”.*

Vários autores referem que a taxa de penetração da Internet no Brasil se resume a um fenómeno urbano, centrado na literacia. Ainda que seja notório que regiões com elevada densidade populacional, independentemente da questão socioeconómica comecem a utilizar com regularidade a rede. E aqui a centralidade dos media profissionais e a extensão que estes fazem ao ciberespaço não seja indiferente.

O caso português é invariavelmente diferente porque se centra no suporte da União Europeia e em níveis económicos e de literacia mais elevados que os restantes países. O seu grau de desenvolvimento no acesso à Informação e ao Conhecimento é distinto dos restantes países lusófonos, facto que a própria proliferação de dispositivos electrónicos corrobora.

Timor-Leste é um país que viveu um longo período de ocupação e, posteriormente, de conflito. Neste sentido, a baixa taxa de penetração de Internet parece uma realidade óbvia, numa altura em que são prementes questões básicas de infra-estruturas.





Uma outra questão a ter em conta é o número de falantes de língua portuguesa, originários de qualquer um dos oito países, espalhados pelo mundo. De acordo com o Observatório da Língua Portuguesa<sup>3</sup>, registam-se 244 milhões de falantes de Português. No entanto, apenas em Portugal e no Brasil a totalidade da população é contabilizada como falante de língua portuguesa. Nos restantes países, o Observatório regista que nem todos os habitantes falam português: Angola (70%), Cabo Verde (87%), Guiné Bissau (57%), Moçambique (60%), São Tomé e Príncipe (90%) e Timor-Leste (20%). Cite-se, a este propósito, Ciancio que sublinha que

*"a língua portuguesa, que também é mãe, em algumas realidades passa a ser madrasta enquanto mecanismo elitizado. Assim ganha também conotação de repúdio ao sufocar os idiomas nacionais e ser naturalmente excludente na forma em que é utilizada. O povo fica às margens de um processo educacional de ensino do idioma em conformidade com suas realidades locais"* (2008: 63).

Dados do referido estudo do Observatório da Língua Portuguesa revelam ainda cerca de 10 milhões de falantes de Português na diáspora. Neste sentido, e de acordo com o Internet World Stats, o Português era a quinta língua mais falada na Internet em 2012 com 131.5 milhões de utilizadores. Os dados mostram, então, que a ideia de que se assiste a uma mudança de um modelo de comunicação de massas para a comunicação em rede não implica uma anulação, mas antes uma articulação dos e com os modelos anteriores,

*"produzindo novos formatos de comunicação e também permitindo novas formas de facilitação de empowerment e, conseqüentemente, de autonomia comunicativa"* (Cardoso, 2009: 57).

A rede, enquanto espaço de multiplicidade de fragmentos, dá às sociedades o impulso da convergência de meios, culturas, pessoas e conhecimento através de interfaces. O caso cabo-verdiano ilustra este argumento e cimenta a ideia de que a construção das narrativas sobre os países está directamente relacionada com os media, instituições e, essencialmente, a apropriação da língua. Ciancio sublinha que

*"o terreno da lusofonia é flutuante porque não delimita um território de continuidade, e demarca identidades inconscientes que se perdem no desconhecido e na pluralidade de sua fragmentação"* (2008: 7).

O novo ecossistema de comunicação que emerge com a Internet remete para a relação entre a tecnologia e a dimensão social da sua utilização. No entanto, as identidades e

---

<sup>3</sup> Dados de 2010 disponíveis em <http://observatorio-lp.sapo.pt/pt/dados-estatisticos/falantes-de-portugues-literacia> (Consultado em dezembro de 2015).



diversidades culturais que compõem o vasto universo da Lusofonia não concorrem uma ideia una de sociedade lusófona em rede. Esta perspectiva seria, aliás, redutora da rica multiplicidade cultural de 244 milhões de falantes de língua portuguesa espalhada pelo mundo. Ainda assim, arriscamos pensar que o paradigma do colectivo, os conceitos de rede e comunidade são atualmente centrais no estudo dos espaços sociais que proliferam pela Internet e permitem mapear mobilizações, representações e expressões da Lusofonia enquanto um universo único que reúne cidadãos que partilham laços de identidade, cultura e língua.

### **O ciberespaço enquanto interface da Lusofonia: uma tentativa de "conexão lusófona" como ponto de intersecção**

As CMC simulam a presença e potenciam a mediação da individualização e do colectivo através de processos de comunicação, cooperação e conflito que se materializam através da utilização social das tecnologias. A este propósito, atente-se nas palavras de Jouët:

*"Communication practices are often analysed as being the product of changes in communication systems and equipment, which are though to define de facto the way in which individuals use them. Such technical determinism, however, should be avoided. The same can be said of the limiting model of social determinism which ignores the role of technical objects and rather sees social change as the principal factor determining usage"* (2009: 215, 216).

Procurando superar as limitações tanto do determinismo tecnológico e como do social, tentamos nesta secção analisar grupos formados através da interação mediada digitalmente. Neste sentido, consideramos que as CMC potenciam a comunicação entre indivíduos dispersos geograficamente, mas também geram cooperação mediada digitalmente e são potenciais instrumentos de mobilização das sociedades info-incluídas (Rheingold, 2002). As dinâmicas sociais que ocorrem no ciberespaço remetem para interações que se desenvolvem via CMC, geram fluxos de trocas e sustentam estruturas sociais (Recuero, 2009). A representação colectiva centra-se agora nos novos padrões de interacção social que decorrem da utilização individual e conjunta da tecnologia (Castells, 2003). Recuero argumenta que

*"o início da aldeia global é também o início da desterritorialização dos laços sociais"* (2009: 135).

Recuero apresentou comunidade virtual como a definição para

*"os agrupamentos humanos que surgem no ciberespaço, através da comunicação mediada por computador"* (2003a: s/p).



Daqui decorre que a questão geográfica se esbate e a construção social partilhada se torna um elemento de destaque.

Entre os diferentes media sociais que ilustram a paisagem da rede, o Facebook é a plataforma com mais falantes de língua portuguesa. Dados da agência Social Bakers<sup>4</sup> mostram que o Português era a terceira língua mais falada nesta rede social, em Novembro de 2012, com 58539940 utilizadores. Um número que se revela impressionante se comparado com os dados que a mesma agência disponibilizava em Maio de 2010: 6119680. Ou seja, um aumento exponencial.

Tabela 2: Estatísticas de utilizadores registados no Facebook em 2012 nos países lusófonos

País	Utilizadores registados no Facebook	Taxa de Penetração
Angola	645,460	3.2%
Brasil	51,173,660	26.4%
Cabo Verde	107,340	20.5%
Guiné Bissau	NA	NA
Moçambique	362,560	1.5%
Portugal	4,663,060	43.3%
São Tomé e Príncipe	6,940	3.8%
Timor Leste	NA	NA

Fonte: *Internet Usage Statistics*

Recorrendo a uma triangulação metodológica, que cruzou a análise documental com análise de conteúdo quantitativa e netnografia, desenvolvemos um estudo de caso que visa categorizar e compreender as representações sociais da Lusofonia através do seu mapeamento no Facebook. Assumindo como pressuposto que a lógica de rede traduz nós (indivíduos e grupos) interligados por diversos laços. O modelo de comunicação em rede resulta, portanto, de uma fusão entre diferentes esferas tecnosociais que moldam a sociedade, com este trabalho procuramos responder a duas questões de investigação:

- (1) Estaremos perante a emergência de espaços abstractos digitais, que possibilitam representações da memória e do presente numa reconfiguração das relações de poder e da sua materialização em pontos de intersecção digital?
- (2) A rede pode assumir-se como um possível cenário de renovação e reforço de laços na Lusofonia?

Delineámos como objetivos:

- (1) analisar se o Facebook, pode induzir uma reconstrução das redes de significância e representações sociais da Lusofonia, através das categorias das páginas identificadas com a palavra "Lusofonia" e das descrições indicadas;
- (2) analisar se o discurso digital pode metamorfosear as representações sociais da Lusofonia, procurando identificar se existe uma representação social única que derive de uma construção social partilhada materializada em discursos similares nas conversações nos grupos estudados.

<sup>4</sup> Dados disponíveis em <http://www.socialbakers.com/blog/1064-top-10-fastest-growing-facebook-languages> (Consultado em agosto de 2014).



Para um mapeamento da Lusofonia na plataforma Facebook, procedemos a uma pesquisa pela palavra-chave “Lusofonia” no diretório de páginas e grupos. Um aspecto interessante a salientar centra-se nas sugestões apresentadas à pesquisa por “Lusofonia”: “lusofonia games”, “lusofonia games 2014”, “lusofonia games mascot”, “lusofonia games goa 2014”, “lusofonia games 2013 goa”.

Objectivámos apenas o mapeamento de grupos com mais de 60 membros e páginas com mais de 100 fãs. Com base nestes requisitos, inventariámos 43 grupos e 28 páginas.

Tabela 3: Membros dos grupos identificados com a palavra “Lusofonia”

<b>Membros</b>	<b>Grupos</b>
60 – 100	23.25%
101 – 300	32.56%
301 – 500	11.63%
501 – 700	4.65%
701 – 900	6.98%
901 – 1100	0%
Mais de 1101	20.93%

Fonte: Elaboração própria

O número de membros entre os grupos identificados e analisados é díspar, sendo que não se estabelece um padrão sequer por categoria. Ainda assim, é possível notar que os grupos com menos membros são, tendencialmente, os que têm uma tipologia de acesso fechada.

Tabela 4: Tipologia de acesso aos grupos identificados com a palavra “Lusofonia”

<b>Tipologia de Acesso</b>	<b>Grupos</b>
Aberto	55.81%
Fechado	44.19%

Fonte: Elaboração própria

Verificou-se um equilíbrio entre a tipologia de acesso ao grupo, tendo sido possível observar que os pedidos de acesso são rapidamente respondidos de forma positiva.

Tabela 5: Categorias dos grupos identificados com a palavra “Lusofonia”

<b>Categorias</b>	<b>Grupos</b>
Cultura	23.26%
Comunidade	18.60%
Comércio	6.98%
Desporto	2.33%
Diáspora	9.30%
Ensino/Estudos	4.65%
História	9.30%
Informação/Media	16.28%
Língua Portuguesa	4.65%
Sem Descrição/Sem Acesso	4.65%

Fonte: Elaboração própria

A categorização dos grupos é interessante de analisar pela sua diversidade. Os grupos classificados como “Diáspora” estão identificados como comunidades de membros de países lusófonos fora do seu contexto, particularmente no norte da Europa. Nestes casos,



todos os grupos são de acesso fechado e verifica-se um pormenor substancialmente interessante: os membros são quase sempre oriundos de mais de quatro países lusófonos.

Os grupos que foram classificados como “Comunidade” são essencialmente orientados a jovens e à partilha de experiências nos diferentes países lusófonos, nomeadamente no que concerne a interesses musicais.

As categorias “Informação/Media” e “Cultura” são as dominantes e tratam essencialmente temáticas relacionadas com Brasil e Portugal, sendo rara a alusão assuntos da África Lusófona e inexistente no que concerne a Timor-Leste.

Tabela 6: Fãs das páginas identificadas com a palavra “Lusofonia”

Fãs	Grupos
100 – 400	28.57%
401 – 700	21.43%
701 – 1000	10.71%
1001 – 1300	7.14%
Mais de 1301	32.15%

Fonte: Elaboração própria

Os grupos que têm mais utilizadores são os que estão classificados como “Cultura” e “Informação/Media”. Os grupos com a tipologia “aberto” são os que têm maior número de membros. Para além de “fechados”, os grupos com menos utilizadores são os que correspondem a categorias como “Diáspora”, “Comunidade” e os que não têm classificação.

Tabela 7: Categorias das páginas identificadas com a palavra “Lusofonia”

Categoria	Páginas
Non-Governmental Organization (NGO)	1
College & University	2
Community	2
Community & Government	1
Sports League	2
Non-Profit Organization	5
Arts & Entertainment	1
Interest	1
Library	1
News/Media Website	1
Magazine	1
Sports Venue	1
Radio Station	1
Media/News/Publishing	1
Arts & Entertainment · Bands & Musicians	1
Community Organization	1
Government Organization	1
Music Chart	1
University	1
Book	1
Local Business	1

Fonte: Elaboração própria



As páginas identificadas com a palavra “Lusofonia” pertencem a categorias díspares e não demonstram um padrão único. Sendo que se verifica uma tendência para páginas associadas a grupos e/ou comunidades e a organizações sem fins lucrativos.

Tabela 8: Número de fãs das páginas identificadas com a palavra “Lusofonia”

<b>Fãs</b>	<b>Categoria</b>
431	Non-Governmental Organization (NGO)
312	College & University
421	Community
349	Community & Government
2240	Sports League
1568	Non-Profit Organization
2096	Arts & Entertainment
729	Interest
603	Library
179	Non-Profit Organization
251	Community
288	News/Media Website
16098	Magazine
951	Sports Venue
6660	Sports League
951	Radio Station
3489	Non-Profit Organization
4160	Media/News/Publishing
556	Arts & Entertainment · Bands & Musicians
1020	Community Organization
119	Non-Profit Organization
9417	Government Organization
340	Music Chart
205	University
543	College & University
1284	Non-Profit Organization
235	Book
1503	Local Business

Fonte: Elaboração própria

À semelhança das categorias, as páginas também não apresentam um padrão no que diz respeito ao seu número de fãs. Torna-se evidente que apesar de estarem sob o “chapéu” da Lusofonia, não existe uma narrativa ou nem padrões de agregação evidentes no que concerne à representação social de um grupo único. Nesse sentido, de uma perspetiva digital a Lusofonia é ainda tão-somente uma entidade *in fieri*.

A análise empírica permite concluir que as representações sociais da Lusofonia em espaços de interação social mediada não evidenciam um grupo social único, que se materializa numa construção social partilhada que substitui a presença pela pertença nos lugares e não-lugares (Augé, 2010) que pululam na rede. A distribuição desagregada dos espaços do Facebook não evidencia que esta seja uma ferramenta de comunicação mediada por computador que reconstrua significados ou tão pouco se assuma como um veículo de representações sociais que assumem a Lusofonia como um grupo social único. Verifica-se que existe uma multiplicidade de narrativas e representações sociais fragmentadas cuja construção simbólica partilhada é, apenas, a língua portuguesa.





## Notas conclusivas

A lógica da Internet como plataforma de rede social facilita às pessoas a oportunidade de se associarem a outros com quem partilhem interesses, encontrar novas fontes de informação e publicação de conteúdo e opinião. A denominada Web social disponibiliza recursos que permitem, a quem tem acesso à tecnologia, a possibilidade de ter uma voz. Plataformas como Facebook, YouTube, Flickr e Twitter são uma «nova ágora», que combina o poder do capital humano e social com o potencial de comunicação global da Web social. As possibilidades existem, a rede tornou-se dinâmica e a velocidade é uma realidade.

O discurso digital não metamorfoseia o campo representacional da Lusofonia. Neste sentido, não se perspectiva a criação de novas identidades lusófonas nem relações que evidencie práticas sociais indutoras de mutações representacionais.

A questão dos referenciais simbólicos comuns e da língua potenciam e maximizam as interações online entre lusófonos. No entanto, o laço da Lusofonia não se materializa na construção de uma narrativa única mas antes na propagação de diferentes narrativas, assentes num determinismo geográfico apenas ultrapassado pela convergência de convivência típica da rede que é potenciada pela partilha da língua.

A análise do ciberespaço Lusófono carece ainda de estudos de maior envergadura, nomeadamente no que concerne a espaços de ligação e a amostras de dimensões consideráveis em relação a cada um dos países tal como à representação social que os Lusófonos fazem na rede de si e dos outros. Considera-se de urgência um projeto que estude a interação entre lusófonos no ambiente digital e uma avaliação da construção social partilhada baseada em análise de conteúdo e análise de redes sociais, o que interpretamos que pode permitir aferir de forma mais ampla se o ciberespaço permite reequacionar uma (re)construção da identidade lusófona num contexto fora dos media. Um projeto a ter em mente.

## Referências Bibliográficas

Amaral, Inês (2014). «Exclusão e Cidadania na Era Digital». UALMedia. Consultado online [em abril de 2016], disponível em <http://www.ualmedia.pt/pt/dossie.asp?det=16814&section=&title=Exclusao-e-Cidadania-na->

Augé, Marc (2010). *Não-lugares*. Papyrus Editora.

Cardoso, Gustavo (2009). *Da comunicação de massa à comunicação em rede*. Porto: Porto Editora.

Castells, Manuel (1996). *The Rise of the Network Society*. Cambridge, MA, USA: Blackwell Publishers, Inc.

Castells, Manuel (2000). «Toward a Sociology of the Network Society», *Contemporary Sociology*, 29 (5), pp. 693-699.

Castells, Manuel (2003). *A era da informação: economia, sociedade e cultura. A sociedade em rede* (Vol. 1). Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.

Ciancio, Patrisia (2008). «Lusofonia Digital: um caminho para a integração». Dissertação de Mestrado em Relações Internacionais. Porto: Universidade Fernando Pessoa.



- Daniel, F., Antunes, A., & Amaral, I. (2015). *Representações sociais da velhice. Análise Psicológica*, 33(3), pp. 291-301.
- Ferreira, Carolin Overhoff (2012). «Identity and Difference: Postcoloniality and Transnationality» in *Lusophone Films*, Zurich: Lit Verlag.
- Gomes, Maria do Carmo (2003). «Literexclusão na vida quotidiana», *Sociologia. Problemas e Práticas*, 41, pp. 63-92.
- Jenkins, Henry (2006). *Convergence Culture: Where Old and New Media Collide*, New York: New York University Press.
- Jouët, Josiane (1994). «Communication and mediation». In Leah Lievrouw & Sonia Livingstone (Eds.) (2009). *New Media Volume III: Practices: Interaction, Identity, Organizing, Culture*, Thousand Oaks, CA: Sage Publications, pp. 215-234.
- Lévy, Pierre (2001). *O que é o virtual*. Coimbra: Quarteto Editora.
- Lévy, Pierre (2004). "Inteligencia Colectiva, por una antropología del ciberespacio". Consultado online [agosto de 2014], disponível em <http://inteligenciacolectiva.bvsalud.org>
- Lourenço, Eduardo (1999). *Imagem e miragem da lusofonia. A Nau de Ícaro, seguido de Imagem e Miragem da Lusofonia*. Lisbon: Gradiva, pp. 103-214.
- Khan, Sheila (2008). «Do pós-colonialismo do quotidiano às identidades hifenizadas: identidades em exílios pátrios?», *Comunicação intercultural*, 95.
- Macedo, Lurdes (2011). «Trânsitos lusófonos na sociedade em rede». Seminário *Media e Novos Media – Diáspora e Migrações*, Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa.
- Macedo, Lurdes, Martins, Moisés Lemos & Macedo, Isabel (2010). «"Por mares nunca dantes navegados": contributos para uma cartografia do ciberespaço lusófono». In Moisés de Lemos Martins, Rosa Cabecinhas e Lurdes Macedo (Eds). *Lusofonia e Sociedade em Rede*, VIII Anuário Internacional de Comunicação Lusófona. Braga: CECS e Grácio Editor, pp. 11-39.
- Macedo, Maria de Lurdes de Sousa (2013). *Da diversidade do mundo ao mundo diverso da lusofonia: a reinvenção de uma comunidade geocultural na sociedade em rede*. Consultado online em 15 de Junho de 2016, disponível em <http://repositorium.sdum.uminho.pt/bitstream/1822/28851/1/Maria%20de%20Lurdes%20de%20Sousa%20Macedo.pdf>
- Madeira, Ana Isabel (2004). «A bandeira da língua como um arquétipo de pátria: ficções da lusofonia em contexto pós-colonial». A questão social no novo milénio.
- Martins, Moisés de Lemos (2004). *Lusofonia e luso-tropicalismo: Equívocos e possibilidades de dois conceitos hiper-identitários*.
- Martins, Moisés de Lemos, Rosa Cabecinhas, and Lurdes Macedo (2010). *Anuário internacional de comunicação lusófona 2010: lusofonia e sociedade em rede*. Grácio Editor; Universidade do Minho. Centro de Estudos de Comunicação e Sociedade (CECS).
- Mayer, Steven (2003). «What is a 'Disadvantaged Group'», Working paper of Effective Communities Project.



Meneses, Maria Paula (2008). «Mundos locais, mundos globais: a diferença da história». *Comunicação intercultural*, 75.

Morier-Genoud, Eric. (2012). *Imperial migrations: colonial communities and diaspora in the Portuguese world*. Palgrave Macmillan.

Raimundo, Antonio Joaquim (2012). *The Europeanisation of national foreign policy: Portuguese foreign policy towards Angola and Mozambique, 1978-2010*. Diss. The London School of Economics and Political Science (LSE).

Recuero, Raquel (2003). *Comunidades virtuais - Uma abordagem teórica*. Biblioteca Online de Ciências da Comunicação. Consultado online em Agosto de 2014, disponível em <http://bocc.ubi.pt/pag/recuero-raquel-comunidades-virtuais.pdf>

Recuero, Raquel (2009). *Redes Sociais na Internet*. Porto Alegre, Sulina: Editora Meridional.

Rheingold, Howard (2002). *Smart Mobs - The Next Social Revolution*. Cambridge, MA: Perseus Book Group.

Sorj, Bernardo & Guedes, Luís (2005). «Exclusão Digital - Problemas conceituais, evidências empíricas e políticas públicas». *Novos Estudos*, 7, pp. 101-117.

Steven Robinson (2015). *Still focused on the Atlantic: accounting for the limited Europeanization of Portuguese security policy*, *European Security*.